

O EFEITO DE CONTINGÊNCIAS DE INTERAÇÃO SOCIAL PROGRAMADAS SOBRE O RELATO DE EVENTOS PRIVADOS

THE EFFECT OF PROGRAMMED SOCIAL INTERACTION CONTINGENCIES ON THE ACCOUNTS OF PRIVATE EVENTS

CAROLINE DE PAULA CORRÊA¹

LIDIANE DE SOUZA SANTANA¹

LUÍSA SMITH MENANDRO¹

ROBERTA HERMES¹

RODRIGO FERREIRA BEZERRA²

ELIZEU BORLOTI³

FILIPE VASCONCELOS⁴

LUCIANO DE SOUZA CUNHA⁵

ISSUE DOI: 10.5008/1809.7367.034

RESUMO

Este experimento investigou o controle de contingências programadas em um *software* sobre eventos privados do tipo sentir, empregando um procedimento que evocou o tato. Participaram desta pesquisa 18 estudantes, de ambos os sexos (18-22 anos) que executaram tarefas do *software Psychotacto3*. O *software* simulou três situações de competição com resultados programados. Os dados indicam uma correspondência entre os relatos dos sujeitos e as contingências a que foram expostos. Conclui que essa exposição pode evocar tatos de eventos privados que correspondem em grande parte às contingências, de acordo com interpretações dos estudos em Análise do Comportamento.

Palavras-chave: Análise do Comportamento. Eventos privados. *Software*.

1 Graduanda em Psicologia – Faculdades Integradas São Pedro (FAESA/AEV).

2 Graduando em Psicologia – Faculdades Integradas São Pedro (FAESA/AEV).

3 Psicólogo; doutor em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

4 Psicólogo; mestrando em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

5 Psicólogo; mestre em Psicologia; doutorando em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); professor das Faculdades Integradas São Pedro (FAESA/AEV).

ABSTRACT

The aim of this experiment was to investigate the control of programmed contingencies on private events (feelings), using a procedure that elicited these events and evoked their tact, explaining how programmed reinforcement contingencies are linked with the private events. Eighteen students (both genders, aged between 18 and 22) conducted the assignments based on the software entitled PsychoTacto 3.0. The software simulated three competition situations with programmed results. Data indicates a correlation between the accounts of the subjects and contingencies they were exposed to. It may be concluded that exposure to contingencies can elicit private events (feelings) and produce their tact, in accordance with the theoretical analyses of Behavior Analysis studies.

Keywords: Behavior Analysis. Private events. Software.

EVENTOS PRIVADOS EM UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL

A Análise do Comportamento tem se dedicado a elaborar conceitualmente questões referentes a fenômenos emocionais partindo do pressuposto de que, “[...] como as pessoas se sentem é, geralmente, tão importante quanto o que elas fazem” (SKINNER, 2003, p. 3).

Skinner (1945) conceitua eventos privados como aqueles que são inacessíveis à observação pública direta. A partir de então, analistas do comportamento têm usado esse termo para se referir a sentimentos, pensamentos, emoções, cognições, sensações, memória e sonhos. Dessa forma, entende-se que fenômenos emocionais podem ser interpretados como relações comportamentais com uma especificidade: possuir componentes privados, cuja acessibilidade é restrita ao indivíduo que se comporta, mas que estão sujeitos às mesmas leis e princípios que outros comportamentos operantes e respondentes. Mais especificamente, podemos afirmar que fenômenos privados são simplesmente parte do contexto ambiental no qual o comportamento ocorre e, para tratar deles, não precisamos recorrer a conceitos de ordem mental ou que suponham uma natureza distinta dos demais comportamentos (MOORE, 2000).

Tourinho (2001, p. 176) resume essa argumentação da seguinte forma:

[...] ao se voltar para os determinantes externos do comportamento, a Análise do Comportamento evidenciou progresso significativo na compreensão do fenômeno comportamental. Isso sugere que um progresso científico na direção de uma maior capacidade de previsão e produção do comportamento pode independe da análise do que eventualmente esteja ocorrendo no interior de cada um.

Em síntese, é possível adicionar as seguintes considerações às discussões postas no início deste tópico: a ocorrência de eventos privados é função das contingências de reforçamento; as propriedades das relações entre os eventos comportamentais e ambientais definidores de cada contingência se relacionam com os eventos privados relatados.

A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E OS ESTUDOS SOBRE EVENTOS PRIVADOS

Alguns autores (SIMONASSI; TOURINHO; SILVA, 2001; TOURINHO, 2009) afirmam que estudos empíricos sobre eventos privados receberam pouca atenção da comunidade de analistas do comportamento,

até pelo menos a década de 1990, mas ainda são escassos na literatura da Análise do Comportamento, a despeito da importância do tema e do esforço interpretativo de Skinner.

Algumas estratégias metodológicas têm sido empregadas para contornar a limitação de acesso direto aos eventos privados, por exemplo: Lubinsky e Thompson, (1987), Simonassi, Tourinho e Silva (2001). O presente trabalho se inclui nesse grupo de investigações, pois pretende contribuir conceitual e experimentalmente para validar a análise interpretativa sobre as emoções como produtos de relações comportamentais cujas características distintivas precisam ser especificadas.

Nesse sentido, objetivou-se, neste estudo, realizar uma análise interpretativa de eventos privados, no contexto dos fenômenos emocionais, por meio de contingências programadas de interação social. A programação incluiu o uso de um *software*, como parte de um procedimento que pudesse evocar autotatos de eventos privados.

Caminhando nesse sentido, pode-se afirmar que o presente estudo se faz relevante: a) para a Análise Experimental do Comportamento, ao propor-se a demonstrar um controle mais preciso das variáveis envolvidas no estudo dos fenômenos emocionais; e b) para a Análise Aplicada do Comportamento, especialmente para a Terapia Comportamental, ao permitir uma interpretação mais efetiva dos efeitos de diferentes operações contingenciais sobre o que as pessoas sentem.

MÉTODOS

Participantes

Participaram da pesquisa 18 estudantes com idade entre 18 e 22 anos, que estivessem cursando o ensino superior em uma Instituição de Ensino Privado da Grande Vitória, divididos em três grupos iguais, com seis participantes em cada um. Cada grupo foi submetido apenas a um procedimento.

Todos os participantes receberam do experimentador um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para ser lido e assinado, no qual foram informados sobre seus direitos, segurança e privacidade. O TCLE também esclareceu que os participantes poderiam desistir a qualquer momento, sem que houvesse nenhum tipo de prejuízo para eles.

É importante ressaltar que estudo anterior (CUNHA, 2007) permite afirmar que nenhuma ação do experimentador ou característica do equipamento ou do procedimento a ser adotado no presente estudo poderia afetar de forma nociva os participantes, garantindo, portanto, a integridade dos sujeitos.

Instrumentos, materiais e recursos humanos

As sessões experimentais foram realizadas no Laboratório de Observação do Comportamento das Faculdades Integradas São Pedro (FAESA), equipado com um computador *notebook*, com um processador Core 2 Duo de 2.0 GHz, 2 Gb RAM, disco rígido de 120 Gb, monitor colorido de 15" *widescreen*, mouse e caixas acústicas com potência de 1500 watts *pmpo*.

Juntamente com o experimentador, dez alunos de graduação, que já tinham cursado a disciplina Análise Experimental do Comportamento, auxiliaram na coleta dos dados. Esses dez alunos participaram do experimento na qualidade de atores, com funções específicas, previamente determinadas pelo experimentador, visando a interagir com o participante, de acordo com as contingências de interação social programadas.

O software utilizado contém um programa específico para o estudo dos efeitos de diferentes contingências programadas sobre o comportamento dos participantes – PsychoTacto (CUNHA; BORLOTI; CUNHA, 2008), em sua versão 3.0. O programa é executado em ambiente Windows e apresenta janelas para o cadastramento dos dados do participante (identificação, idade, sexo, naturalidade e escolaridade). Durante o procedimento, o computador apresenta em sua tela quatro estímulos similares a cartas, um localizado na parte superior central da tela (estímulo modelo) e os demais alinhados, horizontalmente, na parte inferior da tela (estímulos de comparação). À direita do estímulo modelo, há um display de contagem de pontos (ou de cupons que poderão ser convertidos em algum reforçador). Respostas (cliques) em uma das cartas inferiores disponibilizam na tela uma consequência (pontos acrescentados ou retirados do display, dependendo da contingência em vigor, e um desenho de um rosto feliz ou triste), que indica se a resposta dada pelo participante está certa ou errada, respectivamente. Os “acertos” e “erros” eram programados e randomizados, de modo que o desempenho do participante ocorresse de acordo com a programação prévia.

Delineamento experimental

Cada participante foi convidado a participar de um estudo sobre como as pessoas se comportam em situações de competição. Foram preparados três procedimentos, ressaltando-se que cada participante poderia participar de apenas uma situação experimental.

Situação Experimental 1 (SE1): esta situação foi dividida em duas fases. Nelas, cada participante deveria executar as tarefas programadas no software em dupla com um integrante da equipe de pesquisa (ator 1), tendo, como competidores, uma dupla também formada por integrantes da equipe de pesquisa (atores 2 e 3). Em cada fase do procedimento, um dos membros da dupla era responsável pelos cliques no mouse. Na primeira fase do procedimento, os resultados foram programados para que a dupla do participante vencesse, com um total de 41 pontos, enquanto o ator 1 descrevia imediatamente as alternativas corretas, contra 32 acertos da dupla adversária (atores 2 e 3). Na fase seguinte, o ator 1 deveria ignorar todas as opiniões do participante e os resultados foram programados para que a dupla do participante perdesse o jogo, com um total parcial de apenas 14 pontos nesta fase, contra 34 pontos da dupla adversária (atores 2 e 3).

Situação Experimental 2 (SE2): esta situação foi dividida em duas fases. Nelas, cada participante deveria executar as tarefas programadas no software em par com competidor do mesmo sexo que ele, integrante da equipe de pesquisa (ator 1). O procedimento dividia-se em duas fases. Após a primeira fase, na qual o participante seria reforçado positivamente (de acordo com programação do software), saindo-se bem na competição, com 37 pontos contra 32 pontos do seu concorrente (ator 1), três novas pessoas (atores 2, 3 e 4) entravam na sala à espera do momento de jogar também. Nesse momento, iniciava-se a segunda fase, na qual o participante era exposto a uma contingência de punição positiva (também programada no software), com a presença de um som seguindo à resposta errada. Ao final, o total de pontos parciais já programados adquiridos pelo participante somariam 12 contra um total de 34 pontos, que passaria a acertar e fazer comentários sobre o jogo, no sentido de que seria fácil. Enquanto isso, os atores 2, 3 e 4, que estavam observando, também fariam comentários entre si sobre o que estava acontecendo, simulando rir do desempenho do participante. Por fim, ao final dessa situação experimental, os pontos adquiridos pelo participante somariam 49, enquanto a soma dos pontos de seus adversário seria 66.

Situação Experimental 3 (SE3): cada participante deveria executar as tarefas programadas no software (escolha de estímulo igual ao modelo apresentado, entre três alternativas possíveis, sem qualquer informação prévia que permitisse discriminar a alternativa correta), em par com competidor do mesmo sexo que ele, integrante da equipe de pesquisa (ator 1). Durante esse procedimento, permaneciam na sala junto aos participantes um integrante da equipe de pesquisa que fazia o papel de experimentador (ator 2) e um monitor (ator 3) que seria responsável por ajudar os participantes em caso de algum problema

durante o procedimento. Na primeira fase do procedimento, os resultados eram programados para que o participante vencesse, com 31 pontos, contra 26 pontos do seu adversário (ator 1). Na segunda fase, o experimentador (ator 2) retirava-se da sala com o pretexto de atender a um telefonema e, em seguida, o monitor (ator 3) iniciava uma conversa com o ator 1, como se o conhecesse previamente, comportando-se de modo a simular que o auxiliava discretamente nas respostas. Concomitantemente, o participante permanecia realizando a tarefa sozinho e perdia o jogo, obtendo parcialmente 33 pontos nesta fase, contra 42 pontos do seu adversário. O total de pontos adquiridos pelo participante ao fim desta situação experimental foi de 64 pontos, contra 68 do seu adversário.

Tal como no estudo de Jacobs e Hackenberg (2000), os acertos e erros eram apresentados de uma maneira intermitente para evitar que o participante discriminasse que o procedimento envolvia resultados programados.

Os participantes foram solicitados a descrever o que sentiam imediatamente após cada procedimento, de modo a aumentar a validade dos seus relatos. Esse procedimento teve por base as afirmações de Kritch e Bostow (1993) de que, quanto maior for a proximidade temporal entre o relato e os estados subjetivos a serem relatados, maiores as chances de um relato preciso por parte do sujeito.

As variáveis independentes do estudo foram as situações programadas às quais os participantes foram expostos; e as variáveis dependentes, os relatos dos eventos privados.

RESULTADOS

Seguem os relatos de sentimentos registrados durante as tarefas e sua respectiva frequência.

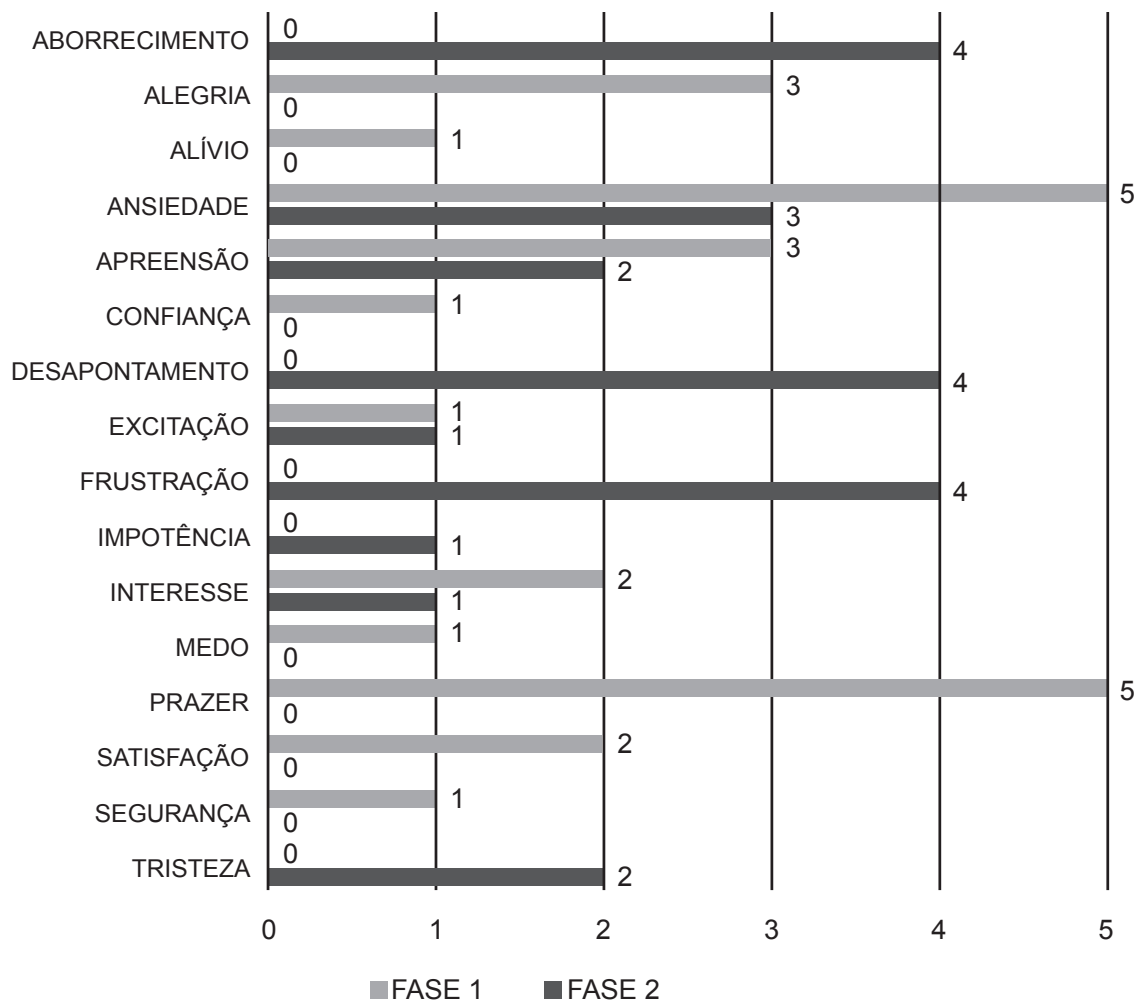


Figura 1 – Relatos de sentimentos durante a situação experimental 1

De acordo com a Figura 1, na SE1, os relatos de sentimentos registrados na Fase 1 foram: alegria (3), alívio (1), ansiedade (5), apreensão (3), confiança (1), excitação (1), interesse (2), medo (1), prazer (5), satisfação (2), segurança (1). Já na Fase 2, os dados mais frequentes foram: aborrecimento (4), ansiedade (3), apreensão (2), desapontamento (4), excitação (1), frustração (4), impotência (1), interesse (1), tristeza (2).

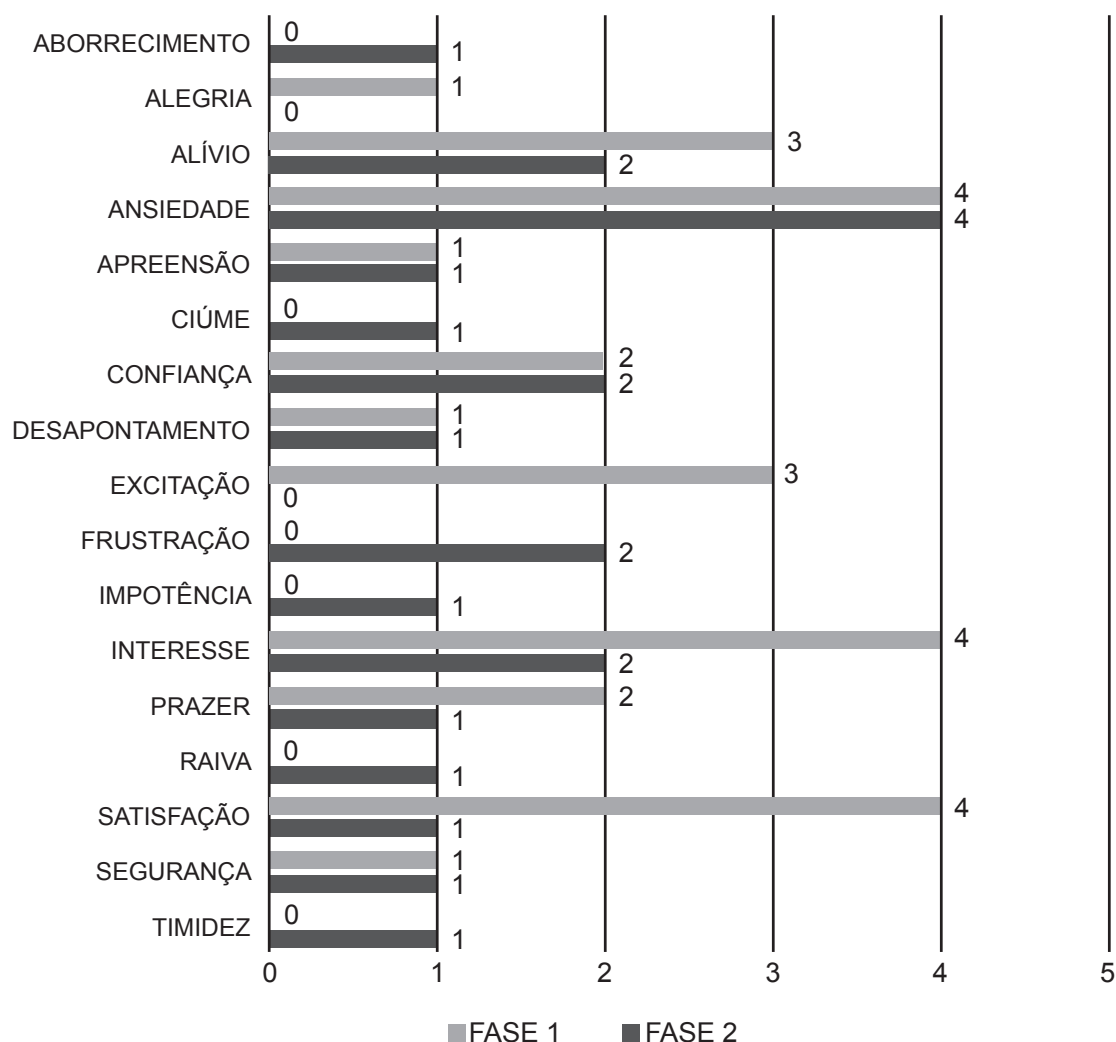


Figura 2 – Relatos de sentimentos durante a situação experimental 2

A Figura 2 mostra que, na SE2, os relatos de sentimentos registrados na Fase 1 foram: alegria (1), alívio (3), ansiedade (4), apreensão (1), confiança (2), desapontamento (1), excitação (3), interesse (4), prazer (2), satisfação (4), segurança (1). Já na Fase 2 foram: aborrecimento (1), alívio (2), ansiedade (4), apreensão (1), ciúme (1), desapontamento (1), confiança (2), frustração (2), impotência (1), interesse (2), prazer (1), raiva (1), satisfação (1), segurança (1), timidez (1).

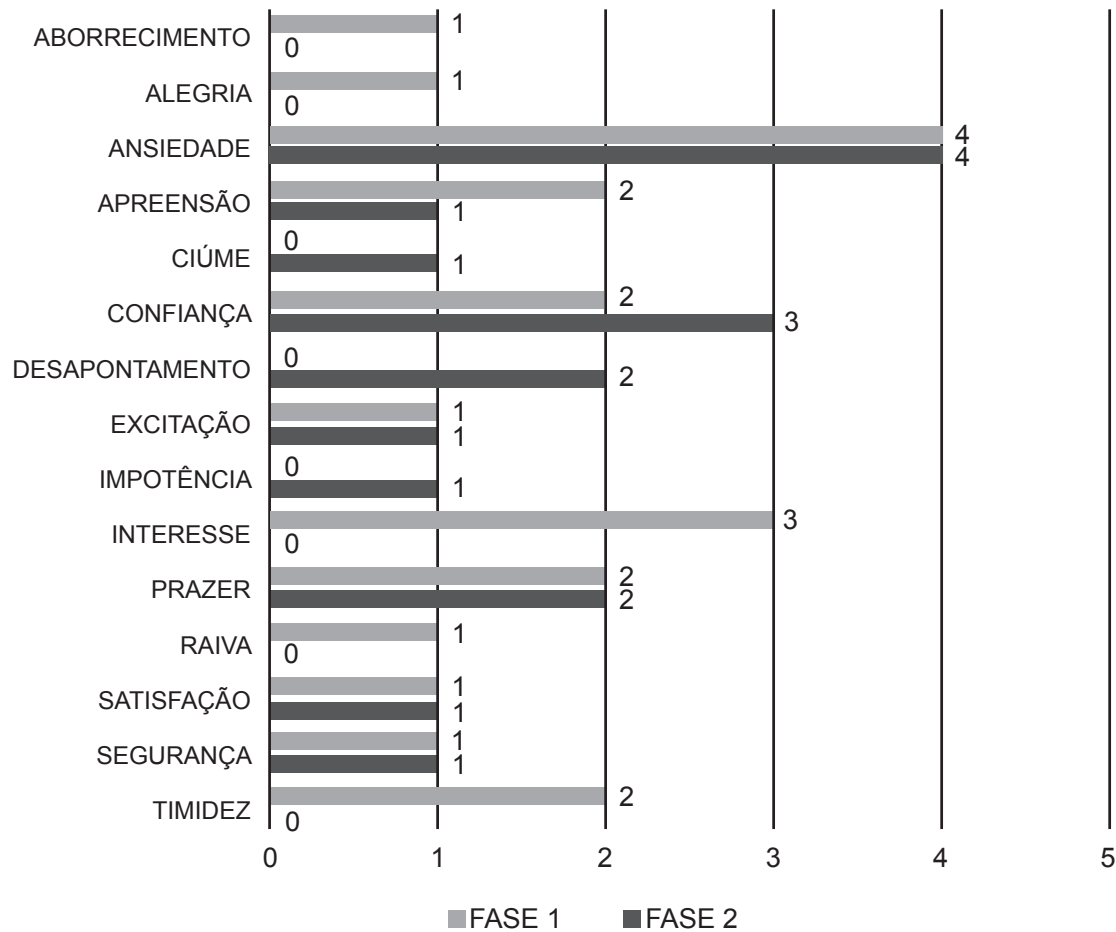


Figura 3 – Relatos de sentimentos durante a situação experimental 3

Na SE3, de acordo com a Figura 3, os relatos de sentimentos registrados na Fase 1 do procedimento foram: aborrecimento (1), alegria (1), ansiedade (4), apreensão (2), confiança (2), excitação (1), interesse (3), prazer (2), raiva (1), satisfação (1), segurança (1), timidez (2), vergonha (1). Na Fase 2, foram: ansiedade (4), apreensão (1), ciúme (1), confiança (3), desapontamento (2), excitação (1), impotência (1), prazer (2), satisfação (1), segurança (1), vergonha (1).

Os dados colhidos durante os experimentos sugerem a eficácia do método utilizado além de demonstrar uma relação entre as contingências às quais os participantes foram expostos e os relatos sobre o que sentiram durante a tarefa. De modo geral, as Figuras 1, 2 e 3 sugerem que as alterações nas contingências a que os participantes foram expostos coincidiram com alterações nos relatos dos participantes.

Desse modo, o presente estudo demonstrou que diferentes arranjos de contingências se relacionam com alterações nos relatos de sentimentos dos participantes. Os resultados reforçam a noção behaviorista de que a diferença entre eventos privados e públicos pudesse ser definida em termos de graus de acessibilidade e jamais de diferença de natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Tourinho (2009), é importante que fenômenos emocionais sejam mais realçados como relações complexas dos indivíduos com o mundo. Assim, pode-se dizer que novos estudos são necessários, e que também é importante examinar as contingências histórico-culturais que as engendram, o que proporcionaria à análise dos eventos privados um contexto analítico mais amplo. Na análise dos contextos históricos, poderiam ser delimitados três tipos de variação e seleção: o filogenético (entendido como a história da espécie, produto da seleção natural), o ontogenético (entendido como o condicionamento operante, que permitiu que o ambiente do indivíduo selecionasse comportamento em contingências que não eram estáveis o suficiente para funcionar por meio da seleção natural) e o cultural (entendido como a evolução de práticas culturais). Um rico conjunto de contingências de reforçamento, responsável pelo repertório elaborado que todos os indivíduos adquirem e que facilita no processo de resolução de problemas do grupo, constitui o nível cultural.

Assim, embora algumas classes de respostas emocionais (então descritas como medo, tristeza, raiva, alegria, por exemplo) sejam consideradas como determinadas pela história filogenética da nossa espécie (BANACO, 1999), o fato de que organismos humanos são capazes de interagir uns com os outros de modos complexos impõe à realidade configurações sofisticadas, com graus variados de diferenciação, transcendendo, assim, às determinações filogenéticas em larga medida e de modo único. Nesse sentido, torna-se importante se debruçar sobre os processos psicossociais e sua história, ontogenética e cultural, o que, de alguma forma, irá enfatizar o caráter social das emoções descritas nos autotatos. Seguem as palavras de Skinner (1984, p. 228):

Ao invés de concluir que o homem só pode conhecer sua experiência subjetiva – e que ele está limitado para sempre ao seu mundo privado e que o mundo externo é apenas um constructo – uma teoria comportamental do conhecimento sugere que é o mundo privado que, embora não seja inteiramente desconhecido, não pode, provavelmente, ser tão bem conhecido como o mundo externo.

Conclui-se, portanto, que estudos empíricos sobre eventos privados podem contribuir para ampliar a compreensão desses eventos e permitir a corroboração dos aspectos epistemológicos tratados sobre esse tema na Análise do Comportamento.

AGRADECIMENTOS

À FAESA, por ceder quatro alunos bolsistas e viabilizar a realização do trabalho.

REFERÊNCIAS

BANACO, R. A. O acesso a eventos privados na prática clínica: um fim ou um meio? **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 1, p. 135-142, 1999.

CUNHA L. S.; BORLOTI E. B.; CUNHA, J. G. L. PsychoTacto: apresentação de um software para o estudo de relatos verbais sob o efeito de diferentes contingências. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOTERAPIA E MEDICINA COMPORTAMENTAL, 28., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ABP, 2008.

CUNHA, L. S. **Análise de eventos privados do tipo sentir sob controle de contingências programadas em um software**. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

JACOBS, E. A.; HACKENBERG, T. D. Human performance on negative slope schedules of points exchangeable for money: a failure of molar maximization. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v. 73, p. 241-260, 2000.

KRITCH, K. M.; BOSTOW, D. E. Verbal responses to past events: intraverbal relations, or tacts to private events? **The analysis of Verbal Behavior**, v. 11, p. 1-7, 1993.

LUBINSKI, D.; THOMPSON, T. An animal model of the interpersonal communication of interoceptive (private) states. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v. 48, p. 1-15, 1987.

MOORE J. Thinking about thinking and feeling about feeling. **The Behavior Analyst**, n. 23, p. 45-56, 2000.

SIMONASSI, L. E.; TOURINHO, E. Z.; SILVA, A. V. Comportamento privado: acessibilidade em relação com comportamento público. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 1, p. 133-142, 2001.

SKINNER, B. F. The operational analysis of psychological terms. **Psychological Review**, v. 52, p. 270-277/291-294, 1945.

SKINNER, B. F. **Contingências do reforço**: uma análise teórica. Tradução de Rachel Moreno. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção "Os pensadores").

SKINNER, B. F. **Questões recentes na análise comportamental**. Tradução de A. L. Néri. 4. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2003.

TOURINHO, E. Z. Eventos privados em uma ciência do comportamento. *In*: BANACO, R. A. (Org.). **Sobre comportamento e cognição**: aspectos teóricos, metodológicos e formação em análise do comportamento e terapia comportamental. Santo André: ESETec, 2001. v. 1, p. 172-184.

TOURINHO, E. Z. **Subjetividade e relações comportamentais**. São Paulo: Paradigma, 2009.

Recebido em abril de 2010

Aceito em outubro de 2010

Correspondência para / Reprint request to:

Prof.º Ms. Luciano de Souza Cunha

Rua Professor Elpídio Pimentel, nº 250, apto 304 – Jardim da Penha – Vitória/ES – Brasil – CEP: 29060-170.

E-mail: luciano.cunha@oi.com.br